**MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA**

**Secretaria de Comércio e Relações Internacionais**

**Departamento de Negociações e Análises Comerciais**

**Coordenação-Geral de Estatística e Análise Comercial**

**BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO – ABRIL/2024**



**I – Resultados do mês (comparativo Abril/2024 – Abril/2023)**

Em abril de 2024, as exportações do agronegócio atingiram US$ 15,24 bilhões, um valor recorde para os meses de abril e 3,9% superior na comparação com os US$ 14,67 bilhões exportados em 2023. As vendas externas brasileiras de produtos do agronegócio continuam sendo influenciadas pela queda dos preços internacionais desses produtos, mas foram mais que compensadas pela expansão do volume exportado.

Segundo o relatório da FAO[[1]](#footnote-1), o índice de preços dos alimentos está 7,4% inferior em abril de 2024 em comparação ao correspondente valor de um ano atrás.[[2]](#footnote-2) Por sua vez, relatório do Banco Mundial[[3]](#footnote-3) também indica preços inferiores em abril de 2024 quando comparados com os valores do mesmo mês do ano anterior. Todavia, no caso do Banco Mundial, o índice caiu um pouco mais, chegando a 10,9%.

Esta queda dos preços internacionais dos alimentos tem afetado negativamente o valor das exportações do agronegócio brasileiro. O cálculo do índice de preços dos produtos exportados pelo agronegócio brasileiro indica uma queda de 11,3% nesses preços médios de abril de 2024 em comparação com os de abril de 2023. Em contrapartida, houve elevação da quantidade exportada pelo Brasil, com incremento de 17,1% no índice de *quantum* das exportações no mesmo período de análise.

As exportações brasileiras de grãos atingiram um volume próximo de 18,5 milhões de toneladas em abril de 2024, número que corresponde a uma expansão de 6,7% na comparação com os 17,3 milhões de toneladas exportadas no mesmo mês de abril de 2023.[[4]](#footnote-4) Além desse mencionado crescimento de volume, convém ressaltar diversos volumes recordes exportados para os meses de abril: açúcar de cana em bruto (+761,03 mil toneladas); algodão não cardado nem penteado (+180,51 mil toneladas); celulose (+162,98 mil toneladas); café verde (nesse caso, recorde de toda a série histórica com +116,09 mil toneladas); carne bovina *in natura* (+97,95 mil toneladas); trigo (+89,02 mil toneladas); carne de frango *in natura* (+45,12 mil toneladas)*.* Esses volumes expressivos resultaram no crescimento de 17,1% no índice de *quantum* embarcado, variação que sobrepujou a queda dos preços internacionais e colocou o valor exportado pelo agronegócio no campo positivo.

As importações de produtos agropecuários subiram de US$ 1,22 bilhão em abril de 2023 para US$ 1,73 bilhão em abril de 2024, número que significou uma elevação de 41,6%. O valor importado no mês é o maior da série histórica. Além desse valor, houve importações de diversos insumos e bens de capital necessários à produção agropecuária brasileira: fertilizantes (US$ 906,77 milhões; -29,6%); defensivos agrícolas (US$ 318,34 milhões; +8,2%); nutrição animal (US$ 235,83 milhões; +4,6%); máquinas e implementos agrícolas (US$ 165,02 milhões; +32,9%).[[5]](#footnote-5)

**I.a – Setores do Agronegócio**

Os seis principais setores exportadores do agronegócio brasileiro foram: complexo soja (participação de 49,2% no valor total exportado); carnes (participação de 14,5% no valor total exportado); produtos florestais (participação de 9,3% no valor total exportado); complexo sucroalcooleiro (participação de 7,0% no valor total exportado); café (participação de 6,5% no valor total exportado); e fibras e produtos têxteis (participação de 3,3% no valor total exportado). Estes seis setores responderam por 89,9% do valor total das exportações do agronegócio em abril de 2024. No mesmo mês do ano anterior, esses mesmos setores participaram com 89,5%. Todos os demais setores exportadores responderam por praticamente 10% das exportações brasileiras do agronegócio. O montante exportado por esses demais setores em abril de 2024 foi de US$ 1,54 bilhão, cifra que representou um crescimento de 0,5% na comparação entre os períodos.

O principal setor exportador do agronegócio é o complexo soja. As vendas externas do setor foram de US$ 7,50 bilhões em abril de 2024, um valor 15,1% inferior em relação aos US$ 8,84 bilhões embarcados em abril de 2023. A soja em grãos respondeu pela maior parte das exportações do setor, com US$ 6,38 bilhões em abril de 2024 (-17,7%). A queda nas vendas externas de soja em grãos ocorreu em função da redução do preço médio de exportação, que declinou de US$ 540,57 por tonelada em abril de 2023 para US$ 433,93 em abril deste ano (-19,7%). Por outro lado, a quantidade exportada atingiu 14,70 milhões de toneladas, com elevação de 362,4 mil toneladas na comparação com a quantidade embarcada em abril de 2023. O volume é o terceiro maior já registrado para um mês em toda a série histórica. A China é o principal importador a oleaginosa brasileira, tendo adquirido praticamente dez milhões de toneladas ou o correspondente a US$ 4,29 bilhões (-20,7%). Outros países que importaram acima de US$ 150 milhões foram: Espanha (US$ 204,99 milhões ou 476,77 mil toneladas); México (US$ 202,19 milhões ou 465,94 mil toneladas); Países Baixos (US$ 181,81 milhões ou 432,90 mil toneladas); Tailândia (US$ 177,64 milhões ou 424,10 mil toneladas); Turquia (US$ 160,88 milhões ou 370,93 mil toneladas); e Irã (US$ 154,24 milhões ou 304,60 mil toneladas).

As exportações de farelo de soja foram recorde em valor e quantidade para os meses de abril, com US$ 973,70 milhões e 2,30 milhões de toneladas. A União Europeia é a maior importadora do farelo brasileiro. Em abril de 2024, o bloco europeu importou US$ 416,46 milhões (+12,4%) ou 1 milhão de toneladas (+46,2%). O Irã apareceu na segunda posição, com aquisições de US$ 157,91 milhões ou 333,81 mil toneladas (não houve importações do país em abril de 2023). Outro país que importou acima de 300 mil toneladas foi a Indonésia, que registrou US$ 145,61 milhões em compras ou o equivalente a 358,35 mil toneladas.

Ainda no setor do complexo soja, as exportações de óleo de soja caíram de US$ 242,12 milhões em abril de 2023 para US$ 150,20 milhões em abril de 2024 (-38,0%). Além da queda do valor, houve redução de 25,5% na quantidade exportada, que ficou em 159,70 mil toneladas. O aumento da produção nacional de biodiesel, que subiu de 1,46 milhão de metros cúbicos no primeiro trimestre de 2023 para 2,05 milhões de metros cúbicos no primeiro trimestre de 2024 (+39,9%), é uma das principais razões para a diminuição das vendas externas, uma vez que praticamente 70% da matéria-prima utilizada na produção do biodiesel é o óleo de soja[[6]](#footnote-6). Nesse contexto, a Índia ainda é a maior importadora do óleo de soja brasileiro, com um pouco mais da metade do valor exportado, US$ 75,91 milhões (-19,8%) ou o correspondente a 82,39 mil toneladas (-6,8%).

As vendas externas de carnes brasileiras atingiram US$ 2,21 bilhões em abril de 2024, com crescimento de 27,5% frente às exportações de abril de 2023. Os registros de vendas externas de carne bovina foram de US$ 1,04 bilhão (+69,2%), com forte expansão do volume exportado, que passou de 133,40 mil toneladas para 236,77 mil toneladas no período em análise (+77,5%). Este volume é recorde para os meses de abril. Um dos maiores motivos para a expansão da quantidade exportada está no aumento da demanda chinesa por carne bovina *in natura* brasileira. O país asiático aumentou o volume importado em 149,1%, chegando a 101,02 mil toneladas adquiridas em abril de 2024 ou o equivalente a US$ 453,98 milhões (+119,1%). Os Emirados Árabes Unidos também aumentaram as aquisições, passando de US$ 32,16 milhões em abril de 2023 para US$ 108,96 milhões em abril de 2024 (+238,8%). Além desses dois países somente mais três mercados importaram mais de US$ 30 milhões em carne bovina *in natura* brasileira: Chile (US$ 40,59 milhões; +41,1%); Argélia (US$ 37,13 milhões; praticamente não adquiriu em abril de 2023); e União Europeia (US$ 35,53 milhões; +12,0%).

As vendas externas de carne de frango foram recorde também, neste caso em valor e volume. O Brasil embarcou US$ 834,32 milhões desse tipo de carne in natura em abril de 2024, com expansão de US$ 37,94 milhões em valores absolutos em comparação aos US$ 796,38 milhões (+4,8%). Cinco mercados foram determinantes para a obtenção do recorde exportado: Arábia Saudita (+ US$ 27,09 milhões; US$ 79,78 milhões exportados; +51,4%); Emirados Árabes Unidos (+ US$ 21,63 milhões; US$ 83,36 milhões exportados; +35,0%); Iraque (+18,15 milhões; US$ 37,96 milhões exportados; +91,6%); Chile (+10,62 milhões; US$ 18,48 milhões exportados; +105,9%); e Catar (+ US$ 10,47 milhões; US$ 18,77 milhões exportados; +126,1%).

Ainda no setor de produtos cárneos, as exportações de carne suína *in natura* bateram recorde de volume exportado, atingindo 96,82 mil toneladas embarcadas (+4,2%) em abril de 2024. A queda dos preços médios de exportação em 9,2% impossibilitou a expansão do valor exportado, resultando em embarques de US$ 222,76 milhões (-5,4%). As vendas externas tiveram queda para a China (-12,31 mil toneladas), que foram mais que compensadas para as exportações a diversos países asiáticos: Filipinas (+5,54 mil toneladas; US$ 33,25 milhões; +51,2%); Japão (+3,03 mil toneladas; US$ 22,33 milhões; +72,4%); Vietnã (+2,70 mil toneladas; US$ 12,43 milhões; +80,5%); Coreia do Sul (+2,52 mil toneladas; US$ 7,92 milhões; +433,1%).

O terceiro maior setor exportador do agronegócio é de produtos florestais. O setor exportou US$ 1,42 bilhão em 2024 (+15,5%). As vendas externas de celulose bateram recorde de valor e volume exportados para os meses de abril, com US$ 843,04 milhões (+30,7%) ou 1,72 milhão de toneladas (+10,4%) em abril de 2024. O aumento da demanda dos países do bloco europeu e também da China explicam grande parte do valor recorde. A China adquiriu US$ 322,30 milhões em abril de 2024, com crescimento de 28,4% em valor. A cifra representou 38,2% do valor total exportado pelo Brasil. Já a União Europeia incrementou as compras de celulose brasileira em 77,9%, chegando a US$ 234,37 milhões ou 27,8% do valor total exportado de celulose pelo Brasil. Outros dois produtos aparecem no setor de produtos florestais: madeiras e suas obras (US$ 350,93 milhões; -8,2%) e papel (US$ 221,21 milhões; +10,5%).

O complexo sucroalcooleiro continua registrando recordes de exportação. Em nenhum mês de abril da série histórica as exportações do setor tinham ultrapassado a cifra de um bilhão. Nesse mês de abril de 2024, as vendas externas do complexo sucroalcooleiro foram de US$ 1,07 bilhão, número que significou um crescimento de 77,6% na comparação com os US$ 600,07 milhões exportados em abril de 2023. O crescimento foi obtido em função das exportações de açúcar, que quase dobraram em volume (+94,7%), na comparação entre abril de 2023 e 2024. Como também houve elevação dos preços médios de exportação em 8,59%, o valor exportado mais do que duplicou, passando de US$ 461,77 milhões em abril de 2023 para US$ 976,50 em abril de 2024 (+111,5%). Alguns países que não importaram açúcar brasileiro em abril de 2023 compraram açúcar brasileiro em abril de 2024: Indonésia (+US$ 123,54 milhões; maior importador no período em análise); Irã (+ US$ 57,27 milhões; 5º maior importador no período em análise); Iraque (+ US$ 29,51 milhões; 11º maior importador no período em análise). Além dos já mencionados países, outros três mercados adquiriram mais US$ 50 milhões em açúcar de cana em bruto brasileiro: Geórgia (US$ 68,22 milhões; +166,3%); Emirados Árabes Unidos (US$ 62,42 milhões; +1.786,7%); e Bangladesh (US$ 58,40 milhões; +203,2%). Além do açúcar, o setor sucroalcooleiro também exportou álcool, com registros de US$ 88,32 milhões (-35,3%) embarcadas em abril de 2024.

Em abril de 2023, o setor cafeeiro registrou o maior valor exportado para todos os meses da série histórica, com registros de quase US$ 1 bilhão exportados (US$ 997,92 milhões; +71,2). Os embarques de café verde chegaram a US$ 917,31 milhões (+75,6%), também recorde da série histórica. Esses elevados valores foram resultado do forte aumento do *quantum* exportado, que chegou a 254,11 mil toneladas (+84,1%). Por outro lado, os preços médios de exportação recuaram 4,6%. Segundo a Organização Internacional do Café, o volume mundial comercializado de café cresceu mais de dois dígitos nesses primeiros meses de 2024[[7]](#footnote-7), sendo o Brasil o principal responsável pelo crescimento do volume comercializado. A União Europeia aumentou as aquisições de café verde brasileiro em 111,9%, atingindo US$ 497,31 milhões. Este valor representou 54,2% de todo o valor exportado pelo Brasil de café verde. Os Estados Unidos apareceram com 15,2% do valor exportado pelo Brasil ou o equivalente a US$ 130,16 milhões. Ainda no setor cafeeiro, as vendas externas de café solúvel foram de US$ 70,25 milhões (+34,7%), com expansão de 21,5% no volume embarcada e de 10,9% no preço médio de exportação.

Por fim, na sexta posição dentre os maiores setores exportadores do agronegócio, cabe destacar, pelo forte desempenho exportador, o setor de fibras e produtos têxteis. O setor exportou US$ 507,84 milhões, número que significou um crescimento de 228,1%. Esse valor reflete o crescimento das exportações brasileiras de algodão, que foram de US$ 473,77 milhões (+316,8%). As vendas externas de algodão subiram 296,0% em volume e 5,2% em preço. Os países asiáticos foram os principais responsáveis por esse aumento de exportação: China (US$ 138,08 milhões; +2.551,6%); Vietnã (US$ 98,38 milhões; +221,6%); Paquistão (US$ 64,18 milhões; +293,9%); Bangladesh (US$ 57,97 milhões; +97,9%).

Os seis principais setores, acima analisados, foram responsáveis por 89,9% do valor exportado pelo agronegócio brasileiro em abril de 2024, porcentagem de representou uma expansão de 0,4 ponto percentual na comparação com abril de 2023. Logo, houve um aumento da concentração das vendas externas nesses seis setores. Os dez principais produtos exportados pelo agronegócio brasileiro (soja em grãos, farelo de soja, carne bovina *in natura,* café verde, celulose, carne de frango *in natura*, açúcar de cana em bruto, algodão não cardado nem penteado, carne suína *in natura* e papel) foram responsáveis por 82,0% do valor exportado em abril de 2023. Nesse mês de abril de 2024, os mesmos dez produtos relacionados foram responsáveis por 82,7% do valor total exportado. Com efeito, pode-se dizer, também, que houve concentração da pauta exportadora utilizando esse critério.

As importações de produtos agropecuários bateram o recorde da série histórica, com US$ 1,73 bilhão ou 41,6% de crescimento. Os dez principais produtos importados foram: trigo (US$ 108,07 milhões; +1,0%); salmões (US$ 91,16 milhões; +27,2%); papel (US$ 86,45 milhões; +34,2%); azeite de oliva (US$ 80,38 milhões; +170,0%); malte (US$ 76,15 milhões; 61,1%); soja em grãos (US$ 62,22 milhões; não houve registro de importação em abril de 2023); vestuário e outros produtos têxteis de algodão (US$ 57,27 milhões; +19,1%); leite em pó (US$ 54,23 milhões; +8,1%); óleo de palma (US$ 52,12 milhões; +7,2%); batatas preparadas ou conservadas (US$ 48,41 milhões; +78,2%).



**I.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

As exportações brasileiras do agronegócio são, em sua maior parte, embarcadas para os países da Ásia. Em abril de 2024, a participação desses países (exclusive o Oriente Médio) foi de 52,5% do valor total exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio (US$ 8,00 bilhões). Esta participação relativa significou uma queda de 6,1 pontos percentuais em comparação com os 58,6% de participação do continente asiático obtida em abril de 2023. A diminuição de participação relativa ocorreu principalmente em função da queda dos preços internacionais da soja em grãos. O continente asiático continuou importando praticamente a mesma quantidade de soja em grãos na comparação entre abril de 2023 e abril de 2024, 11,35 milhões de toneladas e 11,32 milhões de toneladas, respectivamente. A queda do preço médio de exportação da oleaginosa para a Ásia de US$ 539,23 por tonelada em abril de 2023 para US$ 434,56 por tonelada em abril de 2024 (-19,4%), derrubou as vendas externas de soja em grãos em US$ 1,20 bilhão. Essa cifra não foi recuperada mesmo com a expansão do valor exportado em outros produtos: carne bovina *in natura* (US$ 514,18 milhões; +97,2% ou + US$ 253,38 milhões em valores absolutos); algodão não cardado nem penteado (US$ 414,71 milhões; +310,8% ou + US$ 313,76 milhões em valores absolutos); celulose (US$ 393,21 milhões; +29,9% ou + US$ 90,43 milhões em valores absolutos); açúcar de cana em bruto (US$ 200,46 milhões; +92,7% ou + US$ 96,41 milhões em valores absolutos).

A União Europeia e o Oriente Médio merecem destaque em função do aumento da participação relativa. No caso do bloco europeu, as vendas externas subiram 28,0%, chegando a US$ 2,20 bilhões. Este aumento do valor exportado elevou a participação do bloco de 11,7% em abril de 2023 para 14,4% em abril de 2024. Os principais produtos responsáveis pelo aumento das exportações ao bloco europeu foram: soja em grãos (US$ 514,60 milhões; +20,2%); café verde (US$ 497,31 milhões; +97,3%); farelo de soja (US$ 416,46 milhões; +12,4%); e celulose (US$ 234,67 milhões; +77,9%).

O Oriente Médio aumentou as aquisições de produtos do agronegócio brasileiro de US$ 828,29 milhões em abril de 2023 para US$ 1,26 bilhão em abril de 2024 (+51,6%). Cinco produtos foram responsáveis pelo crescimento do valor exportado: carne de frango *in natura* (US$ 280,45 milhões; +36,6%); açúcar de cana em bruto (US$ 231,23 milhões; +377,4%); carne bovina *in natura* (US$ 185,09 milhões; +127,2%); farelo de soja (US$ 158,29 milhões; +66,5%); e bovinos vivos (US$ 78,77 milhões; não houve registro de exportações em abril de 2023).



**I.c – Países**

Os vinte maiores países importadores de produtos do agronegócio brasileiro são arrolados na Tabela 3. Esses países responderam por 77,8% do valor total exportado pelo Brasil.

A China é o principal mercado importador, com US$ 5,53 bilhões em aquisições em abril de 2024 (36,3% de participação). A cifra representou uma queda de 12,4% em relação aos US$ 6,32 bilhões exportados ao país asiático em abril de 2023. A queda nos preços internacionais da soja em grão é o principal fator responsável pela redução das vendas externas à China. O volume embarcado de soja em grão à China foi de 9,86 milhões de toneladas (-2,0%), mas com a queda nos preços internacionais da oleaginosa, houve redução de 20,7% no valor exportado, que chegou a US$ 4,29 bilhões (-20,7% ou – US$ 1,12 bilhão em valores absolutos). Três produtos compensaram em parte a redução das exportações de soja em grãos: carne bovina *in natura* (US$ 453,98 milhões; +119,1% ou + US$ 246,75 milhões em valores absolutos); celulose (US$ 322,30 milhões; +28,4% ou + US$ 71,27 milhões em valores absolutos); algodão não cardado nem penteado (US$ 138,08 milhões; +2.551,6% ou + US$ 132,87 milhões em valores absolutos).

Dois países tiveram aumento de participação acima de 1 ponto percentual nas exportações brasileiras do agronegócio de abril de 2024: Irã (+1,14 ponto percentual) e Emirados Árabes Unidos (+1,04 ponto percentual).

As vendas externas ao Irã passaram de US$ 189,15 milhões em abril de 2023 para US$ 369,55 milhões em abril de 2024 (+95,4%). A maior parte do aumento pode ser explicado pela expansão dos embarques de farelo de soja ao país, que adquiriu US$ 157,91 milhões em abril de 2024. No mesmo mês de 2023, o Brasil não exportou farelo de soja ao Irã. Outros dois produtos também foram importantes na pauta de exportação ao Irã: soja em grãos (US$ 154,24 milhões; -16,0%) e açúcar de cana em bruto (US$ 57,27 milhões; não houve registro de exportação em abril de 2024). É importante ressaltar que os três produtos acima mencionados foram responsáveis por praticamente a totalidade das vendas ao país.

Os Emirados Árabes Unidos também registraram forte aumento das aquisições de produtos do agronegócio brasileiro, que chegaram a US$ 318,39 milhões em abril de 2024 (+107,1%). Três produtos foram responsáveis por 80% das exportações aos Emirados Árabes Unidos, tendo, também, a maior contribuição para o crescimento das vendas externas: carne bovina *in natura* (US$ 32,16 milhões; +238,8%); carne de frango *in natura* (US$ 83,36 milhões; +35,0%); açúcar de cana em bruto (US$ 62,42 milhões; +1.786,7%).



**II – Resultados do Acumulado do Ano (comparativo Janeiro-Abril/2024 – Janeiro-Abril/2023)**

No primeiro quadrimestre de 2024 as exportações brasileiras do agronegócio alcançaram o valor recorde de US$ 52,39 bilhões, o que representou crescimento de 3,7% em relação aos US$ 50,52 bilhões exportados no mesmo período do ano anterior. O aumento na quantidade embarcada é o fator que explica a expansão em valor, uma vez que o índice de *quantum* aumentou 14,8%, enquanto o índice de preço caiu 9,6%.

Os principais produtos que explicam o crescimento das exportações no acumulado do ano de 2024 foram: açúcar de cana em bruto (+US$ 2,41 bilhões); algodão não cardado e não penteado (+US$ 1,36 bilhão); café verde (+US$ 958,32 milhões); carne bovina *in natura* (+US$ 814,62 milhões) e açúcar refinado (+US$ 589,73 milhões). A soma do incremento das vendas externas desses cinco produtos mencionados foi de US$ 6,13 bilhões, enquanto o crescimento das exportações totais foi de US$ 1,87 bilhão.

O agronegócio representou 48,1% do total das vendas externas do Brasil, ou seja, um ponto percentual abaixo da participação que o setor havia obtido em 2023 (49,1%). Os demais setores exportadores registraram crescimento de 7,7% no período janeiro a abril/24.

As importações de produtos do agronegócio foram de US$ 6,36 bilhões (+11,8%). Contudo, tal conceito não contempla insumos utilizados, como por exemplo fertilizantes e defensivos, que tiveram aquisições de US$ 1,27 bilhão (-1,1%) e US$ 3,08 bilhões (-33,5%), respectivamente[[8]](#footnote-8).

**II.a – Setores do Agronegócio**

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio, em termos de valor foram: complexo soja (US$ 19,87 bilhões e 37,9% do total exportado pelo agronegócio); carnes (US$ 7,66 bilhões e 14,6%); complexo sucroalcooleiro (US$ 6,14 bilhões e 11,7%); produtos florestais (US$ 5,25 bilhões e 10,0%) e café (US$ 3,42 bilhões e 6,5%). Em conjunto os setores destacados foram responsáveis por 80,8% das vendas externas do agronegócio brasileiro no primeiro quadrimestre.

O complexo soja, principal setor exportador do agronegócio brasileiro em 2024, registrou US$ 19,87 bilhões em vendas, o que representou uma queda de 12,8% em relação ao que foi auferido entre janeiro e abril de 2023. A soja em grãos representou 81,2% desse montante, somando US$ 16,13 bilhões. Na comparação com o período prévio houve queda de 12,5%, em função da redução de 20,5% no preço médio, que não compensou o crescimento na quantidade (+10,0%), que foi recorde: 36,79 milhões de toneladas.

Vale ressalvar que, segundo levantamento da Conab[[9]](#footnote-9), as intensas chuvas que ocorreram recentemente na região sul do Brasil não devem impactar significativamente a produção da soja em grãos brasileira na safra 2023/2024 e consequentemente o excedente exportável. O Rio Grande do Sul representa apenas 14,5% da safra brasileira prevista pela Conab no início de maio em 147,68 milhões de toneladas (4,5% inferior a safra 2022/23).

A queda nas vendas para a China, principal destino da soja em grãos brasileira (70,1% do total), foi o principal fator para o resultado observado. Apesar da quantidade embarcada ter aumentado em 6,9% para o mercado chinês, a queda no preço resultou na retração em valor de US$ 13,23 bilhões no primeiro quadrimestre de 2023 para 11,30 bilhões no mesmo período em 2024. A União Europeia, segundo destino da oleaginosa brasileira, também registrou queda em valor (-1,2%), apesar do aumento na quantidade embarcada (+29,6%).

As exportações de farelo de soja somaram US$ 3,37 bilhões, valor recorde para a série histórica do primeiro quadrimestre. Em relação ao ano anterior o aumento foi de 1,7% em valor. A quantidade também foi recorde, com 7,43 milhões de toneladas (+21,5% em relação a 2023). A expansão nas vendas para o Irã (+US$ 294,25 milhões) e Indonésia (+US$ 172,30 milhões) foi o que mais contribuiu para esse resultado, compensando as perdas registradas para mercados como a União Europeia (-US$ 137,34 milhões) e Tailândia (-US$ 129,57 milhões). As vendas externas de óleo de soja, por sua vez, somaram US$ 373,47 milhões, uma queda de 64,0% em relação aos US$ 1,04 bilhão exportados entre janeiro e abril de 2023. Tal queda reflete a redução tanto da quantidade (-54,8%), como do preço médio do produto (-20,4%).

As carnes ocuparam a segunda posição no rol de setores exportadores, somando US$ 7,66 bilhões, ou seja, 5,6% acima do que havia sido registrado no ano prévio. A carne bovina representou 48,0% da cifra alcançada pelo setor, seguida pela carne de frango (38,8%) e pela carne suína (10,8%). As exportações de carne bovina *in natura* foram de US$ 3,33 bilhões, um crescimento de 32,4% em relação ao ano anterior. A cifra reflete a expansão no *quantum*, que registrou o recorde de 735,04 mil toneladas. O crescimento da quantidade mais do que compensou a queda de 6,1% no preço médio (US$ 4.824 para US$ 4.528 por tonelada). A China foi o principal destino do produto, tendo adquirido mais da metade do valor exportado (50,2%), com US$ 1,67 bilhão. Outros principais mercados de destino do produto foram: Emirados Árabes Unidos (US$ 295,77 milhões e +259,7% em relação ao ano anterior); Estados Unidos (US$ 193,57 milhões e +8,7%); Chile (US$ 130,53 milhões e + 9,5%) e União Europeia (US$ 120,63 milhões e -16,1%).

As vendas externas de carne de frango *in natura* sofreram redução de 11,9%, somando US$ 2,84 bilhões. A redução reflete tanto a queda no preço (-9,2%), como na quantidade embarcada (-3,0%). Apesar de ser o principal destino, o mercado chinês registrou queda de 39,3% no valor exportado, somando US$ 383,76 milhões (13,5% de *share*).

A carne suína *in natura* obteve US$ 775,50 milhões em vendas externas, o que correspondeu a uma quantidade embarcada recorde de 343,83 milhões de toneladas. Apesar do recorde em quantidade, o valor exportado sofreu redução de 7,4% em relação ao ano anterior, em função da redução de 8,9% no preço médio. Os principais destinos dessa proteína brasileira foram: China (US$ 171,56 milhões e -50,2% na comparação com 2023); Filipinas (US$ 108,35 milhões e +86,4%); Japão (US$ 71,16 milhões e +95,2%); Chile (US$ 70,88 milhões e +12,0%) e Hong Kong (US$ 61,61 milhões e -30,1%).

Em seguida destacaram-se as exportações do complexo sucroalcooleiro, com US$ 6,14 bilhões (+87,9%). O açúcar representou 93,1% do valor exportado, somando US$ 5,71 bilhões. Houve tanto expansão da quantidade (+80,2%), como do preço médio do produto no primeiro quadrimestre de 2024 (+16,8%). O açúcar de cana em bruto alcançou recordes históricos em valor e quantidade: US$ 4,69 bilhões e 9,06 milhões de toneladas. Os países que mais contribuíram para esse resultado foram: Indonésia (+US$ 570,13 milhões); Índia (+US$ 468,25 milhões); Emirados Árabes Unidos (+US$ 399,62 milhões); Irã (+US$ 185,87 milhões); Bangladesh (+US$ 169,84 milhões); Iraque (+US$ 146,49 milhões) e Arábia Saudita (+US$ 108,34 milhões). As exportações de açúcar refinado, por sua vez, também registraram recorde em valor, somando US$ 589,73 milhões (+136,2% em relação a 2023). O álcool registrou US$ 420,22 milhões em exportações, montante 23,2% inferior ao que havia sido observado no primeiro quadrimestre de 2023 (US$ 546,99 milhões).

Os produtos florestais registraram a cifra de US$ 5,25 bilhões no primeiro quadrimestre de 2024, 4,1% acima do que havia sido observado no ano prévio. A celulose representou 58,5% desse valor, enquanto madeira e papel foram responsáveis por 25,8% e 15,6%, respectivamente. As exportações de celulose registraram recorde em valor e quantidade, com US$ 3,07 bilhões e 6,65 milhões de toneladas. A China respondeu por 41,8% das vendas de celulose brasileira, comprando US$ 1,28 bilhão (+5,7%). O segundo principal destino foi a União Europeia, que adquiriu US$ 774,88 milhões (+13,8% em relação ao ano anterior). As vendas de madeiras e suas obras forma US$ 1,36 bilhão (-1,2% na comparação com 2023). A redução na quantidade embarcada foi determinante na queda das vendas (-6,0%), uma vez que o preço médio do produto subiu 5,1%. O papel registrou exportações de US$ 818,96 milhões, ou seja, 6,5% superiores ao que havia sido registrado no ano prévio.

Por fim, destaca-se o setor de café em termos de valor exportado. Foram vendidos US$ 3,42 bilhões do produto, dos quais 92,0% corresponderam ao café verde. Não somente o valor (US$ 3,15 bilhões), como a quantidade exportada do produto (902,99 mil toneladas) foram recordes para a série histórica do primeiro quadrimestre. Os principais destinos do café verde brasileiro no período foram: União Europeia (US$ 1,53 bilhão, +47,2% em relação a 2023 e 48,6% do total); Estados Unidos (US$ 554,60 milhões, +39,5% e 17,6%); Japão (US$ 169,43 milhões, +50,1% e 5,4%); China (US$ 96,35 milhões, +159,3% e 3,1%) e Turquia (US$ 95,24 milhões, +23,6% e 3,0%). As vendas externas de café solúvel foram recordes em valor, somando US$ 249,73 milhões, como resultado tanto do aumento da quantidade (+7,4%), como do preço (+6,0%).

Outros produtos não listados nos cinco setores acima e que se destacaram foram: algodão não cardado nem penteado (recorde em valor: US$ 1,93 bilhão e quantidade: 1,00 milhão de toneladas) e trigo (recorde em quantidade: 2,41 milhões de toneladas).

Em relação às importações de produtos do agronegócio, houve crescimento de 11,8%, principalmente em função do aumento das aquisições de soja em grãos (+US$ 104,86 milhões) e azeite de oliva (+US$ 87,89 milhões). Em relação aos valores importados destacaram-se: trigo (US$ 515,13 milhões e +0,2% em relação a 2023); salmões (US$ 336,69 milhões e +12,0%); papel (US$ 309,84 milhões e +3,1%); azeite de oliva (US$ 286,62 milhões e +44,2%) e malte (US$ 254,20 milhões e -2,0%).



**II.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

A Ásia foi o principal destino das exportações brasileiras do agronegócio no primeiro quadrimestre entre os blocos econômicos e regiões geográficas. Foram exportados US$ 26,68 bilhões, o que representou um crescimento de 0,3% em relação aos US$ 26,60 bilhões que haviam sido registrados no mesmo período do ano anterior. A participação da região se manteve praticamente estável, com cerca de metade das vendas externas brasileiras (50,9%). A soja em grão foi responsável por quase metade das vendas ao mercado asiático, somando US$ 12,77 bilhões (47,9% do total). Contudo, na comparação com o ano anterior houve queda de 12,5% no valor exportado. Outros produtos que registraram vendas acima de US$ 1 bilhão foram: carne bovina *in natura* (US$ 1,84 bilhão e 6,9% do total); algodão não cardado e não penteado (US$ 1,80 bilhão e 6,7% do total); açúcar de cana em bruto (US$ 1,77 bilhão e 6,6% do total); farelo de soja (US$ 1,52 bilhão e 5,7% do total) e celulose (US$ 1,50 bilhão e 5,6% do total).

A União Europeia foi o segundo mercado de destino, somando US$ 6,97 bilhões (+0,8%). Os produtos que mais se destacaram foram: café verde (US$ 1,53 bilhão e +47,2%); farelo de soja (US$ 1,43 bilhão e -8,8%); soja em grãos (US$ 1,12 bilhão e -1,2%) e celulose (US$ 774,88 milhões e +13,8%).



**II.c – Países**

A China foi o principal país de destino do agronegócio brasileiro em 2024, com US$ 17,10 bilhões (-4,6%). O *share* do mercado chinês passou de 35,5% em 2023 (janeiro a abril) para 32,6% em 2024. A soja em grãos representou 66,1% do valor exportado, somando US$ 11,30 bilhões. Na comparação com o ano anterior, porém, a queda foi de 14,6%, ou em termos absolutos foram quase US$ 2 bilhões a menos. Cabe ressaltar que a queda em valor se deu pela redução no preço médio (de US$ 549 para US$ 439 por tonelada), uma vez que a quantidade exportada aumentou 6,9%. As exportações de quatro produtos foram as que mais contribuíram para amenizar a queda da soja em grãos para a China: algodão não cardado nem penteado (+US$ 898,75 milhões); carne bovina *in natura* (+US$ 351,33 milhões); açúcar de cana em bruto (+US$ 72,89 milhões) e celulose (+US$ 69,56 milhões).

Os países que mais contribuíram para crescimento das vendas externas do agronegócio no primeiro quadrimestre de 2024 foram: Emirados Árabes Unidos (+US$ 714,39 milhões); Indonésia (+US$ 632,66 milhões); Estados Unidos (+US$ 459,32 milhões); Irã (+US$ 457,34 milhões) e Filipinas (+US$ 313,60 milhões). Esses mercados contribuíram para amenizar a queda observada para a China, conforme mencionado no parágrafo anterior; Argentina (-US$ 620,32 milhões) e Japão (-US$ 413,31 milhões). No caso da Argentina a queda se deu em função da recuperação da safra no país vizinho, após a quebra ocorrida em 2023. Em relação ao Japão a redução das exportações do agronegócio brasileiro resultou principalmente da retração no milho (-US$ 413,34 milhões).



**III – Resultados de Maio de 2023 a Abril de 2024 (Acumulado 12 meses)**

No período acumulado dos últimos doze meses as exportações do agronegócio brasileiro somaram US$ 168,36 bilhões, o que significou crescimento de 4,7% em relação aos US$ 160,86 bilhões exportados nos doze meses imediatamente anteriores. A participação dos produtos do agronegócio no total exportado pelo Brasil no período foi de 48,7%, ou seja, 0,7 ponto percentual acima da participação verificada entre maio de 2022 e abril de 2023. As importações, por sua vez, totalizaram US$ 17,28 bilhões, cifra 3,2% inferior à registrada nos doze meses anteriores (US$ 17,85 bilhões), e representaram 7,1% do total adquirido pelo Brasil no período. Cabe destacar que, no conceito aqui utilizado, não constam os valores de diversos insumos utilizados na agropecuária nacional, tais como máquinas, equipamentos, defensivos, fertilizantes e combustíveis.

**III.a – Setores do Agronegócio**

Em relação ao valor exportado, os setores que se destacaram entre maio de 2023 e abril de 2024 foram: complexo soja, com US$ 64,34 bilhões e 38,2% das exportações do agronegócio; carnes, com US$ 23,92 bilhões e 14,2%; complexo sucroalcooleiro, com US$ 20,25 bilhões e participação de 12,0%; produtos florestais, com US$ 14,49 bilhões e participação de 8,6%; e cereais, farinhas e preparações, com US$ 14,08 bilhões e 8,4% de market share; Em conjunto, os cinco setores destacados somaram 81,4% das exportações do agronegócio nos últimos doze meses. No período anterior, a participação dos cinco principais setores foi de 82,9%, o que representou queda de concentração da pauta exportadora do agronegócio brasileiro. Dos setores supramencionados, apenas o complexo sucroalcooleiro apresentou crescimento de participação entre os períodos (de 8,4% para 12,0%), com os demais tendo perdido participação relativa.

Como já mencionado, o complexo soja foi o principal setor do agronegócio brasileiro, em valor exportado, entre maio de 2023 e abril de 2024, com vendas externas de US$ 64,34 bilhões e 130,87 milhões de toneladas comercializadas, o que significou expansão de 3,8% e alta de 27,2%, respectivamente. O principal produto exportado pelo segmento foi a soja em grãos, com a soma de US$ 50,94 bilhões e elevação de 7,5% em comparação aos US$ 47,38 bilhões negociados nos doze meses imediatamente anteriores. Em quantidade, houve elevação de 31,9%, com 105,22 milhões de toneladas embarcadas. Já o preço médio do produto brasileiro vendido no mercado internacional caiu 18,5% no período, chegando a US$ 484 por tonelada. As vendas externas de farelo de soja totalizaram US$ 11,55 bilhões, com crescimento de 8,0%, em função da expansão da quantidade embarcada nos últimos doze meses (23,79 milhões de toneladas, +17,0%), tendo em vista que houve queda de 7,7% no preço médio no período. Os destinos que mais elevaram as suas aquisições do farelo nacional no período foram: Indonésia (+US$ 568,96 milhões), Irã (+US$ 373,81 milhões), e União Europeia (+US$ 298,89 milhões). Já as exportações de óleo de soja atingiram a soma de US$ 1,85 bilhão (-52,9%), para um total de 1,86 milhão de toneladas comercializadas (-33,0%), com queda de 29,7% no preço médio do produto. Os principais compradores do óleo em bruto no período foram: Índia, com US$ 1,01 bilhão (62,3% de participação); China, com US$ 231,86 milhões (14,4% de market share); Bangladesh, com US$ 133,17 milhões (8,3%); e Argélia, com US$ 107,56 milhões (6,7%).

O setor de carnes foi o segundo colocado entre os maiores exportadores do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses, com a cifra de US$ 23,92 bilhões e participação de 14,2% de todas as exportações agropecuárias brasileiras no período. A variação negativa observada (-5,4%) foi resultado da retração de 10,6% na cotação média dos produtos do setor, enquanto o volume comercializado cresceu 5,8%. O principal produto negociado foi a carne bovina, cujas vendas externas totalizaram US$ 11,38 bilhões (-3,9%). O volume negociado da mercadoria aumentou 16,3%, atingindo 2,52 milhões de toneladas, e o preço médio caiu 17,3%, alcançando US$ 4.522 por tonelada. Os principais destinos da carne bovina in natura nos últimos doze meses foram: China, com US$ 6,09 bilhões (59,0% de participação, -13,6% em valor); Emirados Árabes Unidos, com US$ 546,77 milhões (5,3% de market share, +102,7%); Chile, com US$ 494,17 milhões (4,8% de participação, +28,9%); Estados Unidos, com US$ 478,67 milhões (4,6% de share, +27,0%); e União Europeia, com US$ 407,61 milhões (4,0% de participação, -23,0% em comparação aos 12 meses anteriores).

Em seguida destacaram-se as vendas de carne de frango, com o montante de US$ 9,24 bilhões (-8,4%) para um total de 4,96 milhões de toneladas (+2,2%) e recuo do preço médio no período de 10,3%. Os países e blocos que mais contribuíram para o incremento do volume exportado da proteína in natura no período, foram: Emirados Árabes Unidos (+65,98 mil toneladas), Iraque (+ 59,96 mil toneladas), Arábia Saudita (+24,91 mil toneladas), Líbia (+ 22,56 mil toneladas) e Congo (+20,52 mil toneladas). Já as exportações de carne suína totalizaram US$ 2,72 bilhões (-1,1%) entre maio de 2023 e abril de 2024 para um volume comercializado de 1,21 milhão de toneladas (+5,2%) a um preço médio de US$ 2.245 por tonelada (-6,0%).

O terceiro principal setor do agronegócio nos últimos doze meses, em valor de exportação, foi o segmento sucroalcooleiro, que registrou receita de exportação de US$ 20,25 bilhões (+50,6%), resultado do incremento de 28,6% no quantum negociado e da alta do preço médio dos produtos do setor (+17,1%). O açúcar foi o principal produto comercializado no período, com vendas de US$ 18,75 bilhões e crescimento de 63,5% em relação aos valores de maio de 2022 e abril de 2023 (US$ 11,46 bilhões). A quantidade embarcada cresceu 31,7% no período, atingindo 36,07 milhões de toneladas, enquanto o preço do produto elevou-se em 24,2% para US$ 520 por tonelada. Os principais destinos do açúcar em bruto nos últimos doze meses foram: China (US$ 1,93 bilhão, +27,2%), Índia (US$ 1,69 bilhão, +477%), Indonésia (US$ 1,37 bilhão, +192,5%), Argélia (US$ 979,17 milhões, +20,5%) e Arábia Saudita (US$ 918,03 milhões, +92,3%). Já as exportações de álcool totalizaram US$ 1,48 bilhão, com retração de 24,5% em virtude das quedas de 8,8% no volume comercializado (2,0 milhões de toneladas) e de 17,2% na cotação média do álcool brasileiro negociado no mercado internacional.

Na quarta colocação, destacaram-se os produtos florestais, com a cifra de US$ 14,49 bilhões e declínio de 11,1% em relação aos valores registrados entre maio de 2022 e abril de 2023 (US$ 16,30 bilhões), resultado dos recuos de 8,9% no quantum exportado e de 2,4% no preço médio dos produtos do setor. O principal produto comercializado pelo segmento foi a celulose, com US$ 8,11 bilhões (-8,2%) para um volume embarcado de 19,15 milhões de toneladas (-6,0%) a um preço médio de US$ 424 por toneladas (-2,4%). Os principais destinos da celulose brasileira nos últimos doze meses foram: China (US$ 3,88 bilhões, 47,8% de participação); União Europeia (US$ 1,66 bilhão, 20,5% de market share); e Estados Unidos (US$ 1,17 bilhão, 14,5% de share). Em conjunto, as vendas para os três destinos representaram mais de 80% do total comercializado no período. As vendas externas de madeiras e suas obras somaram US$ 3,94 bilhões no período (-18,6%), com diminuição em quantidade (-17,9%) e também no preço médio (-0,8%). Por fim, as exportações de papel alcançaram o valor de US$ 2,42 bilhões (-7,4%), resultado da retração do preço médio no período (-8,9%).

Na quinta posição, o setor de cereais, farinhas e preparações registrou vendas externas de US$ 14,08 bilhões, com participação de 8,4% do total exportado em produtos do agronegócio nos últimos doze meses. Tal soma significou recuo de 13,3% em comparação aos US$ 16,25 bilhões comercializados entre maio de 2022 e abril de 2023 e foram resultado do incremento de 6,2% na quantidade negociada e da diminuição de 18,4% no preço médio dos produtos do setor. As vendas de milho representaram 86,2% das exportações de cereais, farinhas e preparações, com o montante de US$ 12,13 bilhões (-13,0%) e volume negociado de 52,73 milhões de toneladas (+7,2%) a um preço médio de US$ 230 por tonelada (-18,8%). Os principais destinos do cereal entre maio de 2023 e abril de 2024 foram: China (US$ 3,69 bilhões, +495,3%); Japão (US$ 1,06 bilhão, -41,3%); Vietnã (US$ 997,12 milhões, +41,1%); Irã (US$ 800,88 milhões, -59,8%); União Europeia (US$ 625,49 milhões, -72,7%); e Coreia do Sul (US$ 612,21 milhões, -27,0%).

No que tange às importações do agronegócio entre maio de 2023 e abril de 2024, totalizaram US$ 17,28 bilhões e decresceram 3,2% em comparação aos doze meses imediatamente precedentes. Os produtos que se destacaram foram: trigo (US$ 1,29 bilhão e -34,2%); papel (US$ 899,09 milhões e -5,8%); salmões (US$ 873,84 milhões e +6,8%); malte (US$ 862,71 milhões e +11,1%); leite em pó (US$ 728,87 milhões e +18,2%); azeite de oliva (US$ 678,06 milhões e +15,7%); vestuário e outros produtos têxteis de algodão (US$ 653,19 milhões, +14,8%); arroz (US$ 610,01 milhões e +52,3%); vinho (US$ 479,68 milhões, +5,2%); e óleo de dendê ou de palma (US$ 476,43 milhões e -38,2%).



**III.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

A Ásia foi o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses, somando US$ 89,21 bilhões. Esse resultado representou incremento de 11,4% em relação aos doze meses imediatamente anteriores, variação superior à média verificada no período (+4,7%), de modo que a participação da região cresceu de 49,8% para 53,0%. A soja em grãos foi o principal produto exportado para o mercado asiático, com US$ 40,86 bilhões e participação de 45,8%. A oleaginosa também foi o item que mais contribuiu para o incremento das exportações brasileiras em valor, com acréscimo de US$ 3,58 bilhões, seguida pelo açúcar de cana em bruto (+US$ 3,48 bilhões), milho (+US$ 2,39 bilhões) e algodão não cardado nem penteado (+US$ 1,56 bilhão). No outro extremo, o óleo de soja em bruto foi o produto cujas exportações sofreram maior redução, com perda de US$ 1,59 bilhão, seguido pela carne bovina in natura com declínio de US$ 1,14 bilhão.

A União Europeia ocupou a segunda posição no rol de blocos econômicos e regiões geográficas de destino das exportações do Brasil. Foram vendidos US$ 21,59 bilhões ao bloco, ou seja, 12,6% a menos do que no período compreendido entre maio de 2022 e abril de 2023 (US$ 24,69 bilhões), o que gerou perda de market share do bloco de 15,3% para 12,8%. Os itens que mais sofreram redução nas vendas foram: milho (-US$ 1,67 bilhão), soja em grãos (-US$ 729,13 milhões), celulose (-US$ 570,89 milhões) e álcool etílico (-US$ 409,16 milhões). Já pela ótica do crescimento, os destaques ficaram por conta do farelo de soja (+US$ 298,89 milhões), suco de laranja (+US$ 225,29 milhões), fumo não manufaturado (+US$ 156,82 milhões) e mangas frescas ou secas (+US$ 113,59 milhões).

As regiões que mais se destacaram quanto à variação entre os dois períodos em destaque, foram: demais da Europa ocidental, com US$ 2,66 bilhões e +18,8%; África, com US$ 10,68 bilhões e +14,4%; Mercosul, com US$ 5,64 bilhões e +10,9%; e NAFTA, com US$ 14,63 bilhões e +5,1%.



**III.c – Países**

A China foi o principal país de destino das exportações brasileiras do agronegócio entre maio de 2023 e abril de 2024, somando US$ 59,40 bilhões. O país foi responsável por 35,3% do total das vendas externas do agro brasileiro no período. Na comparação com o período imediatamente anterior, houve expansão de 15,6% das exportações ao mercado chinês, em função, predominantemente, do aumento nas vendas de soja em grãos (+US$ 4,15 bilhões), milho (+US$ 3,07 bilhões) e algodão não cardado nem penteado (+US$ 1,53 bilhão). A China ampliou suas aquisições da oleaginosa brasileira em 12,6%, passando de US$ 32,84 bilhões para US$ 36,99 bilhões. No que se refere aos itens com exportações declinantes, destacaram-se: carne bovina in natura (-US$ 958,77 milhões), carne suína in natura (-US$ 461,84 milhões), carne de frango in natura (-US$ 208,30 milhões) e óleo de amendoim (-US$ 149,73 milhões).

Os Estados Unidos - segundo principal país de destino das exportações do agronegócio brasileiro, com US$ 10,28 bilhões – mantiveram aquisições estáveis, com ligeira queda de 0,3%. Os principais produtos agropecuários enviados ao mercado norte-americano nos últimos doze meses foram: café verde (US$ 1,29 bilhão, -17,5%), celulose (US$ 1,17 bilhão, -11,7%), suco de laranja (US$ 788,08 milhões, +14,0%), açúcar de cana em bruto (US$ 486,01 milhões, +293,2%), carne bovina in natura (US$ 478,67 milhões, +27,0%) e madeira perfilada (US$ 469,82 milhões, -20,7%), entre outros. Como resultado, a participação do país nas exportações agropecuárias brasileiras caiu de 6,4%, para 6,1%.

Os Países Baixos ficaram na terceira posição em valor exportado, com US$ 5,17 bilhões e retração de 15,2%, o que gerou perda de market share de 3,8% para 3,1%. Os produtos que mais contribuíram para o declínio das vendas para o parceiro europeu foram: álcool etílico (-US$ 393,25 milhões), soja em grãos (-US$ 294,71 milhões), milho (-US$ 243,05 milhões) e celulose (-US$ 179,50 milhões).

Outros destaques quanto ao dinamismo das exportações entre maio de 2023 e abril de 2024 foram: Indonésia, com o total de US$ 4,32 bilhões e alta de 48,2%, sobretudo pelo crescimento das compras de açúcar de cana em bruto (+US$ 902,92 milhões), farelo de soja (+US$ 568,96 milhões) e milho (+US$ 144,11 milhões); Emirados Árabes Unidos, com a soma de US$ 3,05 bilhões e expansão de 36,0% causada principalmente pelo incremento das aquisições de açúcar de cana em bruto (+US$ 439,51 milhões) e carne bovina in natura (+US$ 277,05 milhões); Vietnã, com a cifra de US$ 3,81 bilhões e elevação de 25,1%, em virtude do crescimento das exportações de milho (+US$ 290,64 milhões, algodão não cardado nem penteado (+US$ 201,25 milhões) e trigo (+US$ 154,68 milhões); Argentina, com vendas externas de US$ 2,88 bilhões e crescimento de 22,9% em função do aumento das vendas de soja em grãos (+US$ 893,15 milhões); e México, com a cifra de US$ 3,07 bilhões e avanço de 21,6%, causado principalmente pelo aumento das compras de soja em grãos (+US$ 399,24 milhões), café verde (+US$ 107,64 milhões), açúcar de cana em bruto (+US$ 103,17 milhões) e açúcar refinado (+US$ 102,49 milhões).



**NOTA METODOLÓGICA**

A classificação de produtos do agronegócio utilizada nesta nota foi atualizada de acordo com a Resolução GECEX Nº 560, de 19/02/2024, que alterou a Nomenclatura Comum do MERCOSUL – NCM para adaptá-la em relação às modificações do Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias (SH-2022), que estabelece um método internacional para a classificação de mercadorias.

A Balança Comercial do Agronegócio utiliza uma classificação dos produtos do agronegócio que reúne 3.089 NCM’s em 25 setores. Essa é a mesma classificação utilizada no Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, AGROSTAT BRASIL - base de dados *on line* que oferece uma visão detalhada e atualizada das exportações e importações brasileiras do agronegócio. Mais informações da metodologia e classificação podem ser consultadas no site: <http://agrostat.agricultura.gov.br>

MAPA/SCRI/DNAC/CGEA[[10]](#footnote-10)

15/05/2024

1. Relatório de índice de preços da FAO: https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/ [↑](#footnote-ref-1)
2. Em abril, houve incremento internacional nos preços das carnes, óleos vegetais e cereais, que mais que compensaram o decréscimo nos preços do açúcar e lácteos. Dessa forma, os preços de abril de 2024 cresceram 0,3% em relação aos preços de março de 2024. [↑](#footnote-ref-2)
3. Estatísticas de Preços das Commodities do Banco Mundial: https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets [↑](#footnote-ref-3)
4. A soma do volume de grãos apresentada engloba os seguintes produtos: soja em grãos; milho; farelo de soja (com fator de correção de 1,3 para contemplar a soja em grão utilizada na produção do farelo); algodão não cardado nem penteado; trigo; arroz; e feijão. [↑](#footnote-ref-4)
5. A relação apresentada não contempla todos os insumos necessários à produção do agronegócio. [↑](#footnote-ref-5)
6. As estatísticas foram obtidas na ANP/ABIOVE. As estimativas da ABIOVE (05/05/2024) são que as vendas de óleo de soja ao mercado interno subam 11,8% em 2024, atingindo 9,7milhões de toneladas. Com essas vendas internas, em função do aumento da mistura no biodiesel, as projeções para o volume exportado são de redução neste ano. [↑](#footnote-ref-6)
7. Relatório da Organização Internacional do Café – ‘Coffee – Market Report (April 2024)’ [↑](#footnote-ref-7)
8. Outros exemplos de produtos que podem ser mencionados são: óleo diesel para tratores e caminhões utilizados na produção do agronegócio, medicamentos de uso veterinário, nutrição animal e máquinas e equipamentos agrícolas, etc. [↑](#footnote-ref-8)
9. Fonte: Conab. Boletim da Safra de Grãos, Maio/24. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/safras

A redução da safra de soja 2023/24 no Rio Grande do Sul entre os levantamentos de abril e maio é de 457 mil toneladas, ou seja, 0,3% do total da safra do país. [↑](#footnote-ref-9)
10. Fonte: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-gecex-n-560-de-19-de-Abril-de-2024-\*-545414354 [↑](#footnote-ref-10)